

FACULDADE ASSEMBLEIANA DO BRASIL
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA
MARCOS EDUARDO LIMA SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA À LUZ DA BÍBLIA

GOIÂNIA, GO
2022

MARCOS EDUARDO LIMA SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA À LUZ DA BÍBLIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade Assembleiana do Brasil, como requisito final para a obtenção do grau de teólogo, sob orientação do Prof. Dra. Lázara Divina Coelho.

GOIÂNIA, GO

2022

Faculdade Assembleiana do Brasil

Biblioteca Central

CIP - DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S5861e Silva, Marcos Eduardo Lima.

Educação financeira à luz da Bíblia / Marcos Eduardo Lima Silva – 2022.

36 f.

Orientadora: Lázara Divina Coelho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade Assembleiana do Brasil,
Bacharelado em Teologia, Goiânia, Goiás, Brasil, 2022.

Ficha Catalográfica elaborada por:

Dannilo Ribeiro Garcês Bueno
Bibliotecário

CRB1: 2162

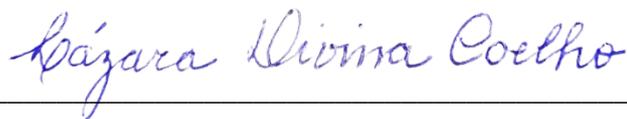
MARCOS EDUARDO LIMA SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA À LUZ DA BÍBLIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade Assembleiana do Brasil, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação da profa. Dr^a. Lázara Divina Coelho.

DATA DE APROVAÇÃO: 15/12/2022

BANCA EXAMINADORA:



Lázara Divina Coelho (orientadora)

Faculdade Assembleiana do Brasil



Rogeh Alves Bueno (Examinador 1)

Faculdade Assembleiana do Brasil



Cleub Evaristo (Examinador 2)

Faculdade Assembleiana do Brasil

RESUMO

Este trabalho trata do tema educação financeira à luz da bíblia, que em vista é um assunto tratado como um tabu dentro das igrejas assembleia de Deus. O trabalho explora os aspectos históricos e bíblicos sobre a mordomia cristã, o conceito de educação financeira, o estudo negligenciado nas assembleias de Deus sobre o assunto e suas aplicações práticas para a igreja do XXI. A metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica com uma parte em formato de uma pesquisa de campo para reforçar a tese do trabalho. O artigo não pretende apontar soluções absolutas sobre os problemas decorrentes da má gestão em finanças e a falta de ensino sobre o assunto nas igrejas, e sim demonstrar que a educação financeira tem seu lugar de ensino na igreja, pois existe uma necessidade de as pessoas compreenderem melhor a relação do homem com o dinheiro. Pois a má gestão dos recursos e a falta de educação comprometem seriamente a qualidade de vida destes, e se isso ocorre de forma endêmica e sistêmica compromete toda o ecossistema das relações dos indivíduos na sociedade.

Palavras-chave: mordomia. Finanças. Planejamento financeiro. Assembleia de Deus. Educação.

ABSTRACT

This work deals with the subject of financial education in the light of the bible, which in view is a subject treated as a taboo within the assembly of God churches. The work explores the historical and biblical aspects of Christian stewardship, the concept of financial education, the neglected study in the Assemblies of God on the subject and its practical applications for the 21st century church. The applied methodology is the bibliographical research with a part in the format of a field research to reinforce the thesis of the work. The article is not intended to point out absolute solutions to the problems arising from mismanagement in finance and the lack of teaching on the subject in churches, but rather to demonstrate that financial education has its teaching place in the church, as there is a need for people to understand better man's relationship with money. Because the mismanagement of resources and the lack of education seriously compromise their quality of life, and if this occurs in an endemic and systemic way, it compromises the entire ecosystem of the relationships of individuals in society.

Keywords: stewardship, finance, financial planning, assembly of God, education.

INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se na área de Educação, especificamente na linha de pesquisa Educação Cristã, no objetivo de discutir um dos importantes temas da realidade do cristão, que é a falta de uma educação financeira à luz da Palavra de Deus nas igrejas evangélicas.

Pretende, portanto, mostrar a importância desse ensino no contexto da igreja Assembleia de Deus. Desse modo, podemos apresentar que o objetivo da pesquisa é fomentar a educação na área de finanças, para que as pessoas possam gerir melhor seus recursos, com o apoio do estudo teológico e prático inerente a mordomia cristã.

Sobre a problemática do tema abordado, foi percebido que existe uma ausência de um programa contínuo sobre educação financeira à luz da Bíblia, visto que, alguns outros elementos foram observados, como a falta de preparo da liderança. Com isso, é de suma importância que o estudo sobre o tema seja aplicado de maneira eficaz, com o intuito de conscientizar os membros e líderes a respeito de um tema tão inerente a vida humana que é a relação do homem com o dinheiro.

Em relação a metodologia da pesquisa, foi aplicado o estudo bibliográfico e de campo, com o objetivo de fundamentar de maneira prática e teórica o artigo. O tema possui alguns estudos abordados com enfoque na necessidade de aplicar o conhecimento sobre finanças a luz da Bíblia. Gary R. Collins, no seu livro "Aconselhamento cristão" desenvolve de maneira teológica e bíblica como deve ser a relação do homem com as finanças pessoais, através de pontos como: o que a Bíblia diz sobre finanças, problemas financeiros e o aconselhamento financeiro.

1 A MORDOMIA CRISTÃ

Nesta sessão será abordado o tema mordomia cristã em perspectiva histórica, bíblica e prática. A discussão desse tema é de suma importância, pois precisa ser compreendido e aplicado de maneira teológica para fomentar a mordomia cristã na igreja Assembleia de Deus.

1.1 AS ORIGENS HISTÓRICAS DA MORDOMIA

De acordo com Figueiredo (2019, p. 3), a mordomia é o exercício de habilidades e técnicas e até mesmo a arte de administrar uma casa ou clã familiar.

Mordomo é uma palavra composta, significando, originalmente, 'o maior da casa' (mor + domus). Era, geralmente, um escravo de confiança, treinado para gerenciar a casa (*oikos*) do seu senhor, tendo a obrigação de administrar bem e corretamente, prestando contas, periodicamente ao seu dono.

Nas sociedades primitivas era comum ser do tipo de economia mista e autossuficiente, ou seja, viviam da agricultura e produziam seus próprios bens de consumo e produção como: tecido, vasos e outros utensílios domésticos, bem como ferramentas e máquinas. Através de casamentos o crescimento da família era evidente e, com isso, a formação de novos clãs era a consequência. Portanto, os clãs eram dominados pela figura patriarcal tonando-se poderosos e consequentemente complexos do ponto de vista gerencial (FIGUEIREDO, 2003).

Tribos, economicamente fortes, compravam ou aceitavam escravos para o exercício de determinadas atividades entre elas. Dessa forma, o cargo de "mordomo" era uma função onde o escravo era treinado e capacitado para administrar propriedades, casas, bens materiais e demais coisas do seu senhor.

Isso pode ser exemplificado, no próprio Antigo Testamento, que traz a emblemática história do conhecido personagem José do Egito, o décimo primeiro filho do patriarca Jacó, que vivia na terra de Canaã (Gn 30); vendido por seus irmãos aos ismaelitas e levado para o Egito como escravo (Gn 37), tornou-se mordomo na casa de Potifar, um alto oficial da corte do então faraó daquele país. José servia a Potifar, que "o pôs sobre a sua casa, e entregou na sua mão tudo o que tinha" (Gn 39.4).

Era, como acima descreveu Figueiredo (2019, p. 3), “um escravo de confiança, treinado para gerenciar a casa (*oikos*) do seu senhor, tendo a obrigação de administrar bem e corretamente, prestando contas, periodicamente ao seu dono” (cf. Gn 39.5-6).

Segundo Arnold e Beyer (2001, p. 47), após perder a confiança de seu senhor e ficar preso sob acusação falsa (Gn 39.7-41.13), José foi feito mordomo do Egito, ‘um alto cargo político naquela terra estrangeira’. Segundo o relato bíblico (Gn 41.40ss), faraó o constituiu mordomo com as seguintes palavras: “Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo, somente no trono eu serei maior que tu.” O restante da história desse mordomo requisitado e preparado por Deus para servir em ambientes diferentes encontra-se nos capítulos seguintes do livro de Gênesis (42ss).

Sobre o período histórico de José, é possível que corresponda à era dos faraós Hicsos, entre 1700 e 1550 a. C. Sobre isso afirmam Arnold e Beyer (2001, p. 47):

Não podemos datar esses acontecimentos com precisão, mas apenas dizer que aconteceram em alguma época durante a Média Idade do Bronze (2000-1550 a. C.). O domínio dos hicsos sobre o Egito (1700-1550 a. C.) pode muito bem ter sido o período no qual os filhos de Israel viveram no Egito.

Essa é uma indicação, não só do lugar da concepção da instituição mordomia, como também de sua antiguidade. O cargo, em si, era de muita confiança e privilégio para um escravo naquele contexto (FIGUEIREDO, 2003).

Portanto, podemos concluir com o entendimento de Elwell (1990, v. 2), para quem o berço da concepção da mordomia é o sistema de escravidão daquelas sociedades. Como visto, o senhor nomeava um escravo para administrar seu lar com todo o patrimônio, inclusive até educar membros da família, especialmente outros escravos e as crianças.

1.2 AS ORIGENS BÍBLICAS DA MORDOMIA CRISTÃ

Segundo o Elwell (1990, v. 2, p. 552), a ideia de que o homem é mordomo de Deus no seu relacionamento com o mundo e com sua própria vida é inerente à história da criação (Gn 1-3). É naquele momento que o homem, como a principal criatura de Deus, é nomeado senhor de todas as coisas, menos de si próprio.

Disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio (poder de governar) sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda terra e sobre todos os repteis que rastejam pela terra' (Gn 1.26).

No mesmo livro o autor confirma o mandato divino: "Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no Jardim do Éden para o cultivar e o guardar". (Gn 2.15)

Podemos perceber que existem ações que são delegadas para os seres humanos como: governar, produzir e preservar. Segundo Figueiredo (2019, p. 4), sempre que o homem age em cumprimento a tais princípios, seja crente ou ateu, cumpre o propósito original de Deus para consigo de mordomo das coisas desse Deus.

Desse modo, voltemos ao exemplo no Antigo Testamento, José do Egito. O autor do livro de Gênesis (39.4, 6) relata que, para se tornar mordomo, José achou graça aos olhos de Potifar. Por conta disso, o mesmo entregou a sua casa e seus bens nas mãos do jovem hebreu, para administrá-los. Portanto, José era alguém de confiança e capaz de gerenciar os bens de seu senhor. E essa posição não era um lugar insignificante, mas o serviço de maior relevância na casa, aqui entendida como o lugar da administração de todas as propriedades daquele senhor.

Segundo Walter Kaschel, em "Lições de mordomia" (s./d., p. 4), temos duas bases bíblicas que fundamentam a mordomia cristã como doutrina: o fato de o universo pertencer a Deus e, da mesma forma, o homem também pertencer a Deus.

1. O universo pertence a Deus

Na perspectiva de que o universo pertence a Deus, há um mandamento em que Deus comissiona o homem a cuidar, sujeitar e dominar sobre a criação. Segundo o registro bíblico, esse mandamento encontra-se no relato da bênção de Deus sobre o homem recém-criado: "E Deus o abençoou, e lhe disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra." (Gn 1.28)

Os pontos desse mandamento mostram a posição do homem como mordomo daquilo que já existe no universo, como esclarece Kaschel (s./d., p. 4):

O homem só poderia ter direito de propriedade sobre aquilo que ele pudesse criar; entretanto, nunca homem algum jamais foi capaz de

criar qualquer coisa. Tudo que ele pode fazer é utilizar-se das coisas criadas, adaptá-las, e combinar as forças e os elementos criados por Deus.

De acordo com John Frame, em “A doutrina da vida cristã” (2013, p. 814), é preciso distinguir entre criação de Deus e criação humana. Na prática, a criação divina consta de sua atividade criadora, obra exclusiva sua, feita em seis dias (Gn 1); e a criação humana, chamada cultura, é derivada e obrigatoriamente feita a partir da criação de Deus. De outra forma, cultura é algo desenvolvido a partir do intermédio do homem e tudo aquilo que Deus realizou sozinho em seis dias como está descrito em Gênesis, é criação. Portanto, o homem jamais será o criador primário das coisas; o fato é que sua função é apenas de administrador daquilo que pertence a Deus.

Raymond H. Brand, Joseph K. Seldon, David C. Mahan, Fred Van Dyke, em “A criação redimida” (1999, p. 36), expande a ideia ensinando que Deus, por ser como Criador o originador de todo o universo, não é apenas uma força inicial; ele é, para, além disso, e, sobretudo, aquele que sustenta todo o cosmos que criou e, nessa sua característica, possibilita ao homem, inclusive, desenvolver coisas a partir da criação original. O universo, enfim, pertence ao seu criador, sem sombra de dúvidas.

2. O homem pertence a Deus

Segundo Gerard Van Groningen, em “Criação e consumação” (2002, p. 817), quando Adão e Eva (o casal recém-criado) foram tentados no jardim do Éden por Satanás, possivelmente acreditaram que teriam o mesmo nível de autonomia de Deus, aquela autonomia de escolher entre o bem e o mal.

Porém, contrariando essa expectativa, Adão e Eva acabaram tornando-se servos de Satanás, a quem voluntariamente cederam o nível de autonomia que tinham, que consistia naquilo em que eram desde sua criação, ou seja, criaturas especiais de Deus, em perfeita comunhão com ele. Segundo Groningen (2002, p. 818), “Pecamos quando pretendemos ser donos de nós mesmos, quando afirmamos ser a autoridade final no lugar de Deus.”

Portanto, no aspecto da criação, a autonomia é exclusividade de Deus; e o homem é resultado disso, o ser humano é uma obra divina do seu Criador. Ainda nesse pensamento de o homem pertencer a Deus, temos que Deus o coloca com

tarefas de mordomo e administrador (Gn 1.28). Para isso, Deus lhe confere poderes e privilégios para sujeitar e dominar sobre representações de sua criação no mar (peixes), no ar (aves dos céus) e na terra (todo animal que se move sobre a terra).

Porém, como afirma Haroldo Reimer, em “Bíblia e ecologia” (2010, p. 46), tudo isso deve acontecer com limites e responsabilidades, pois existem regras do Criador a serem seguidas, apresentadas em sua Palavra, e isso demonstra a soberania e domínio de Deus sobre o homem.

De acordo com Brand, Seldon, Mahan e Dyke (1999, p. 39), a humanidade é como a criação de Deus, e com isso, o governo da terra não é dado a deuses subordinados, como nas histórias pagãs sobre criação, mas a humanos. Portanto, na perspectiva de que o universo é criação divina e, por isso, pertence a Deus, com a figura do homem é da mesma forma: ele, naturalmente, pertence a Deus.

Conclui-se com o entendimento de John Stott, em seu livro “O perfil do pregador” (2021, p. 21), o homem é apenas um administrador e usuário de bens alheios. Para tanto, o cristão deve sair da ignorância a respeito de seu papel no ecossistema, sabendo que existem tipos de mordomia prática que devem ser vistas no detalhe.

1.3 TIPOS DE MORDOMIA CRISTÃ PARA A IGREJA DO SÉCULO XXI

Segundo Kaschel (s./d., p. 4), existem 3 pontos bíblicos que demonstram a relevância da mordomia cristã como prática na igreja do século XII: a mordomia do tempo, a mordomia do corpo e a mordomia dos bens.

1. A mordomia do tempo

Sobre a mordomia do tempo, é de suma importância saber como interpretar de maneira sábia e prudente, pois isso faz parte da ideia de administrar aquilo que Deus nos concedeu de mandamento que foi o uso do tempo de maneira adequada.

A nossa vida pertence a Deus. Visto que o tempo, isto é, o período da existência que passamos neste mundo, é parte da nossa vida, ele também lhe pertence. Deus, em sua bondade, nos permite usar o tempo para ganharmos o nosso sustento, para nosso descanso, para recreio e todas as demais atividades da vida. (KASCHEL, s./d., p. 23).

Por isso, o tema mordomia do tempo é um assunto tão importante e aplicável no contexto da igreja, devido o teor de administração do tempo por causa da brevidade da vida (SI 90.10).

Segundo Claudionor Andrade, em “O começo de todas as coisas” (2015, p. 23), “Deus não está sujeito a qualquer sucessão de dias ou séculos. Presente, passado e futuro são-lhe a mesma coisa. Logo, somente o Eterno poderia criar o tempo. O Criador não se acha limitado quer pelo tempo, quer pelo espaço; a criação, sim.”

Isso traz obrigações. Elinaldo Renovato de Lima, no seu livro “Tempo, bens e talentos: sendo mordomo fiel e prudente com as coisas que Deus nos tem dado” (2019, p. 101), ensina que a mordomia do tempo leva-nos a considerar sobre como devemos fazer sua administração com diligência, pois será exigida no julgamento quando Deus nos chamar à prestação de contas a Deus pela boa ou má administração do tempo que foi dado a todos os homens.

2. A mordomia do corpo

O corpo humano é tratado na Bíblia como templo que deve ser cuidado, apontando para um tipo de mordomia cristã. Simon Kistemaker, na obra “I Coríntios” (2004, v. 1, p. 289), depois de comentar o capítulo 6 da carta de Paulo aos Coríntios, apoiando-se em uma passagem do relato da criação, conclui que “o corpo pertence ao Senhor” (v. 20), “é um membro de Cristo” (v. 15) e é “o templo do Espírito Santo” (v. 19). Portanto, comprados por um alto preço, os salvos devem glorificar a Deus por meio de seus corpos.

Pertencer ao Senhor (ele é o proprietário, os cristãos são sua propriedade), ser membro de Cristo (ele é a cabeça, os cristãos são seus membros) e ser templo do Espírito Santo (ele é o Espírito, os cristãos são sua habitação), são expressões que fundamentam teologicamente o conceito de mordomia do corpo, apontando para sua finalidade última: glorificar a Deus, isto é, honrar a Deus.

É através do corpo (e do espírito) que se glorifica a Deus. Isso significa que cabe ao cristão usar o próprio corpo, que é a habitação do Espírito Santo, para honrar a Deus. Kistemaker (2004, p. 286) conclui que os cristãos “podem fazer isso escutando obedientemente a voz dele à medida em que ele lhes fala por meio de sua revelação [que é a sua Palavra]”.

Kaschel (s./d., p. 8), apropriando-se dessas ideias, conclui com base na expressão que indica ser o crente o templo do Espírito Santo, o seguinte:

Visto que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, devemos conservá-lo nas melhores condições possíveis. Se cuidamos da casa em que moramos, procurando mantê-la limpa e bem cuidada, quanto mais devemos cuidar do nosso corpo, que se tornou habitação do próprio Deus.

E Lima (2019, p. 27) conclui que o ponto fundamental na mordomia do corpo é a sua finalidade de glorificar a Deus de forma integral desde o nascimento até à morte. Para que uma pessoa possa ser salva, tem que passar pelo processo de santificação, visto que o homem só pode ser santo por esse processo. Pois sem santidade, é impossível haver justificação e regeneração (Hb 12.14). Esse versículo não deixa dúvidas quanto ao valor espiritual do homem, incluindo o seu corpo, que também deve ser conservado irrepreensível.

3. A mordomia dos bens monetários

Nota-se que os bens são dados ao homem pelo seu amor, não por algum mérito especial desse homem. A. T. Thompson, em “Deuteronômio” (1982), ao comentar o capítulo 8 daquele livro, lembra que todas as experiências de Israel destacam a dependência do Senhor Deus quanto a tudo (cuidado, provisão, proteção, perdão etc.). A razão é que todas as coisas são de Deus e os dons da riqueza e da prosperidade vêm dele.

Kaschel (s./d., p. 31), na mesma linha, afirma: “Só Deus tem o direito de propriedade, e o cristão o direito de posse, isto é, o direito de usar os bens materiais enquanto estiver neste mundo. O cristão verdadeiro reconhece que Deus é quem lhe dá forças para adquirir fortuna.”

Portanto, afirma Thompson (1982, p. 132), “Riqueza e prosperidade jamais podem ser consideradas direitos naturais. São uma dádiva de Deus.” Uma dádiva que Deus coloca nas mãos de seus mordomos para que façam uma gestão que o glorifique (honre). Por ser assim, o mordomo procura usar as riquezas que Deus lhe confia para o bem da raça humana e para a extensão do reino de Deus na terra.

Lima (2019 p. 331) conclui que, na mordomia dos bens monetários o cristão deve ter consciência de que Deus é quem nos dá todas as coisas, tanto em bênçãos

espirituais como as materiais. O dinheiro pode ser uma bênção ou uma maldição, dependendo da forma pela qual é usado. Por isso o cristão deve usá-lo para a glória de Deus, com gratidão pelos bens adquiridos de modo honesto, pagando os impostos, não realizando dívidas e por fim, contribuindo de maneira grata com dízimos e ofertas reveleando o perfil do mordono fiel.

Portanto, com base na visão de Lima (2019, p. 101), a prática da mordomia cristã de maneira eficaz, está vinculada ao conhecimento sobre educação financeira, por isso, se faz necessário a aplicação do tema para fomentar de forma teológica e prática a mordomia bíblica na igreja.

2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Neste ponto será explanado sobre a educação financeira no seu aspecto conceitual, no âmbito da comunidade cristã, e será feito o retrato de uma possível ausência de educação financeira nas igrejas Assembleia de Deus em Aparecida de Goiânia.

2.1 CONCEITO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

De acordo com Alfredo Meneghetti Neto, em “Educação financeira” (2014, p. 62), o conceito de educação financeira está ligado ao conhecimento, desenvolvimento e prática de hábitos relacionados ao dinheiro no cotidiano das pessoas. Esses hábitos referem-se à utilização de produtos financeiros como cartão de crédito e cheque, controle de orçamento, decisões de investimento e outras práticas ligadas à gestão do dinheiro. Boas práticas de educação financeira são importantes para o bem-estar pessoal.

Isso demonstra que a educação financeira não é somente um estilo de vida, mas também uma contribuição para o desenvolvimento da relação do homem com o dinheiro; e suas ferramentas, sejam elas digitais ou não, possibilitam o indivíduo gerenciar e controlar seus recursos.

Elementos como disciplina e organização são de extrema relevância para o crescimento de uma pessoa no âmbito financeiro, pois a boa prática em relação ao bolso, está estreitamente ligada a hábitos pessoais.

Os principais propósitos da educação financeira são ampliar a compreensão do cidadão quanto ao consumo, poupança e crédito, para que o indivíduo seja capaz de fazer escolhas conscientes quanto à administração de seus recursos financeiros (MENEGETTI NETO, 2014, p. 53).

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)¹, educação financeira é

o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro. (ENEF, 2017, *s.p.*).

Para entender melhor o conceito de educação financeira, Luiz Carlos Peretti, autor do livro “Educação Financeira: aprenda a cuidar do seu dinheiro” (2008, p. 17), enfatiza que fazer ou promover educação financeira é proporcionar uma mente inteligente e saudável em relação ao dinheiro. É a capacidade de ganhar, gastar, poupar, investir e doar dinheiro. É a capacidade de administrar sua riqueza.

O mesmo termo, segundo Lucci, C. R.; Zerrenner, S. A.; Verrone, M. A. G.; Santos, S. C. no artigo “A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos” (2006, p.4), abordando o sentido da expressão “educação financeira”, afirma que ela se refere aos conceitos e atitudes voltados para ações financeiras, indicando, portanto, o conjunto de atividades, como o controle diário das despesas, cartão de crédito, financiamentos, empréstimos. Esses autores mostram que a educação financeira é importante sob inúmeras perspectivas como, por exemplo, a do bem estar pessoal e das ações socialmente orientadas. Logo, as consequências de decisões equivocadas financeiramente podem desorganizar financeiramente tanto a vida pessoal de um indivíduo, como comprometer de sua carreira profissional.

Por fim, Fátima Cristina de M. Alves na sua tese de doutorado “Qualidade na educação fundamental pública nas capitais brasileiras” (2007, p.15) relata que o

¹ Organização internacional que trabalha para construir melhores políticas para uma vida melhor. Constitui foro composto por 35 países, dedicado à promoção de padrões convergentes em vários temas, como questões econômicas, financeiras, comerciais, sociais e ambientais. (OECD.org).

problema financeiro das pessoas surge a partir da falta de conhecimento sobre educação financeira. Em uma sociedade altamente consumista, quanto maior a renda familiar maior os gastos, e, conseqüentemente, maior o seu endividamento. Desse modo, compreender de forma clara o conceito de educação financeira é de extrema importância para conscientização e aplicação do tema na igreja.

3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Nesta fase será discutida a educação financeira no contexto da igreja Assembleia de Deus (AD) por meio de dados coletados através da pesquisa de campo realizada entre os dias 10/09/2022 e 20/10/2022, no campo de Madureira, que corresponde a 16 igrejas localizadas na parte centro-oeste da cidade de Aparecida de Goiânia.

3.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Falar sobre educação no âmbito das Assembleias de Deus no Brasil, seja sobre um tema bíblico ou outro qualquer, ainda passa pela constatação das dificuldades geradas pelo anti-intelectualismo que permeia boa parte do entendimento assembleiano sobre essa esfera da vida humana. As raízes desse anti-intelectualismo são explicadas por José Osean Gomes, em “Educação teológica no pentecostalismo brasileiro” (2013, p. 55), que o faz sob o ponto de vista histórico-sociológico.

Segundo ele, no período em que o movimento assembleiano pentecostal se iniciava em Belém do Pará, era notório a proporção de desigualdade social, assim como em todo o Brasil, e isso implicou em um cenário favorável para que a religião se apresentasse como uma oportunidade para a fuga daquela realidade cruel que permeava as classes menos favorecidas.

A igreja nasceu nesse ambiente e seus fieis vieram dele. Esses fieis eram, em sua grande maioria, carentes, pobres e analfabetos, pertencentes à classe baixa e, como já indicado, viam na religião uma oportunidade para vencer aquela realidade por outros caminhos que não o tradicional, representado, inclusive, pela educação.

Por outro lado, os fundadores da denominação, os missionários suecos Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), estavam iniciando uma igreja em um país que ainda estava “se encontrando”. A Igreja, de igual forma, nasceu espontaneamente e espalhou-se de forma aleatória, não planejada por todo o país

(FRESTON, 1994)². Esse não planejamento atinge todas as suas esferas, inclusive a educacional.

Esses fatores, a busca por uma resposta fora da realidade tradicional por parte dos fiéis e o nascimento e desenvolvimento espontâneo da igreja em termos institucionais, levaram ao anti-intelectualismo e, certamente, estão nas bases do que alguns chamam de aversão ao aprendizado nas origens da Assembleia de Deus.

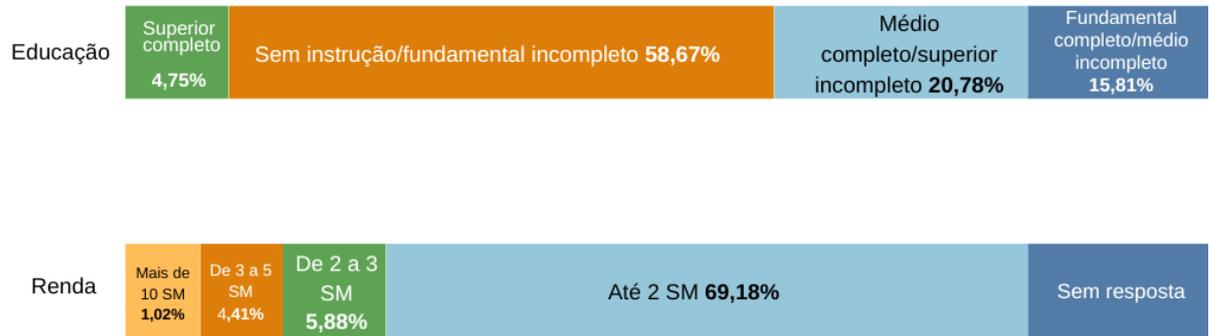
Isso justifica e, ao mesmo tempo, esclarece o despreparo da maioria dos obreiros assembleianos. Tradicionalmente, um homem chega a ser pastor na AD, vencendo uma série de estágios de aprendizado informal como: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor. O pastor é apenas aquele que chegou ao topo da escada, mas não se distancia do membro comum por uma formação formal teológica como explica Paul Freston, em “Breve história do pentecostalismo brasileiro” (1994, p. 87).

O problema em discussão pode ser indicado pelos números do último Censo Demográfico do IBGE, feito em 2010³:

² A Assembleia de Deus no Brasil surgiu em Belém do Pará. A partir daí, espalhou-se pelo país. Segundo Paul Freston, em “Breve história do pentecostalismo brasileiro” (1994, p. 82), “A expansão inicial da AD foi moderada. Nos primeiros 15 anos limitaram-se praticamente ao Norte e Nordeste. A assembleia de Deus se espalhou, não só com ação planejada dos líderes, mas também pela mão dos mais simples, geralmente pessoas pobres e analfabetas.”

³ Registro factual: o Censo Demográfico de 2020, imediatamente posterior ao Censo Demográfico de 2010, devido a pandemia do Coronavírus (2020-2021), está sendo realizado neste primeiro semestre de 2022, simultaneamente com a produção deste trabalho.

Religião evangélica/pentecostal



Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010

Segundo os dados sobre a religião e a renda/educação dos evangélicos/pentecostais no Brasil, em 2010, os dados são emblemáticos: apenas 4,79% (quatro vírgula setenta e nove por cento) dos pentecostais têm curso superior completo e 5,88% (cinco vírgula oitenta e oito por cento). A grande maioria, ou seja, 58,67% (cinquenta e oito vírgula sessenta e sete por cento) dos brasileiros pentecostais, é formada por pessoas sem instrução ou fundamental incompleto. 20,78% (vinte vírgula setenta e oito por cento) possui ensino médio completo/superior incompleto. E por fim, sobre educação 15,81% (quinze vírgula oitenta e um por cento) representa o nível de fundamental completo e ensino médio incompleto.

Em resumo, o recorte acima revela uma observação dos dados gerais em relação à educação e à renda da população assembleiana, pode-se afirmar que a grande maioria é formada por pessoas sem instrução e com renda inferior a 2 salários mínimos. Isso é um indicativo de como tem sido a adesão do assembleiano à educação ao longo desses poucos mais de 110 anos de sua existência.

Essa herança, legada desde a fundação do movimento pentecostal assembleiano em relação à educação, explica a inexistência de uma educação teológica mais robusta nos espaços assembleianos atuais para o ensino eficaz do evangelho e conseqüentemente para ensinar outros temas como a educação financeira, com o objetivo de melhorar a relação do homem com as finanças (ROLIM, 1994, p. 45).

3.2 RAZÕES PARA A INEXISTÊNCIA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS IGREJAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Essa parte do trabalho apresenta um estudo de campo realizado para obtenção de dados que fundamentem esta parte do artigo. Para isso foi feita uma coleta de dados por meio da técnica de pesquisa de campo denominada formulário, o qual será anexado como apêndice a este artigo. Esse formulário consta de 8 questões com teor quantitativo e qualitativo; sua aplicação foi acompanhada de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

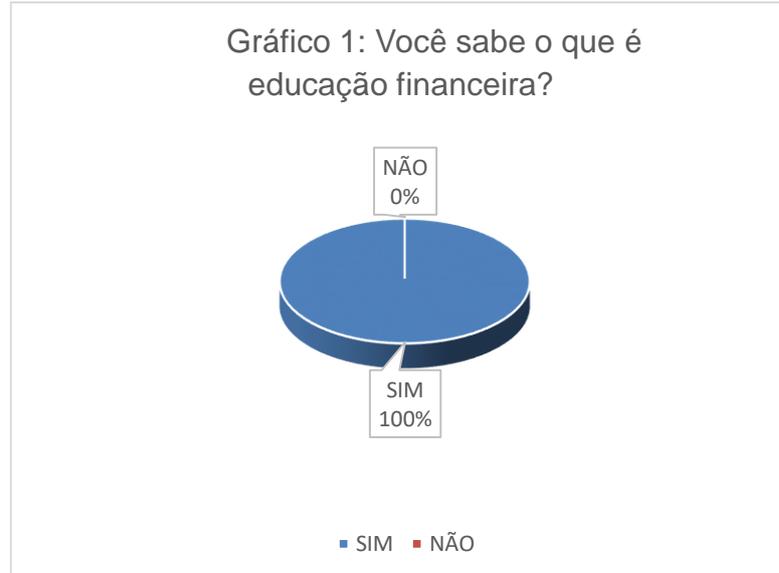
A pesquisa foi realizada entre as datas 06 de setembro a 30 de outubro de 2022, em Aparecida de Goiânia. O formulário e o TCLE foram impressos e distribuídos, pelo próprio pesquisador, entre os pastores aqui denominados A, B, C e D. Nesta fase o pesquisador orientou cada pastor a levar o material para casa e preencher de acordo com a realidade de sua igreja.

Foi apresentado a cada líder de igreja a importância de compreender o tema “Educação financeira à luz da Bíblia”, com o objetivo de fomentar o crescimento da membresia em relação a finanças e também para contribuir com a liderança cristã em favor de uma identificação e motivos de tal dificuldade em ter um ensino sobre o tema de forma consistente na igreja.

Enfim, a amostra⁴ coletada vem de 4 líderes de 4 igrejas e é referente a um universo de 16 igrejas que compõem uma regional do Ministério de Madureira na cidade de Aparecida de Goiânia; esse número constitui-se em uma amostragem de 25% (vinte e cinco por cento) do universo pesquisado.

Abaixo a primeira demonstração da pesquisa:

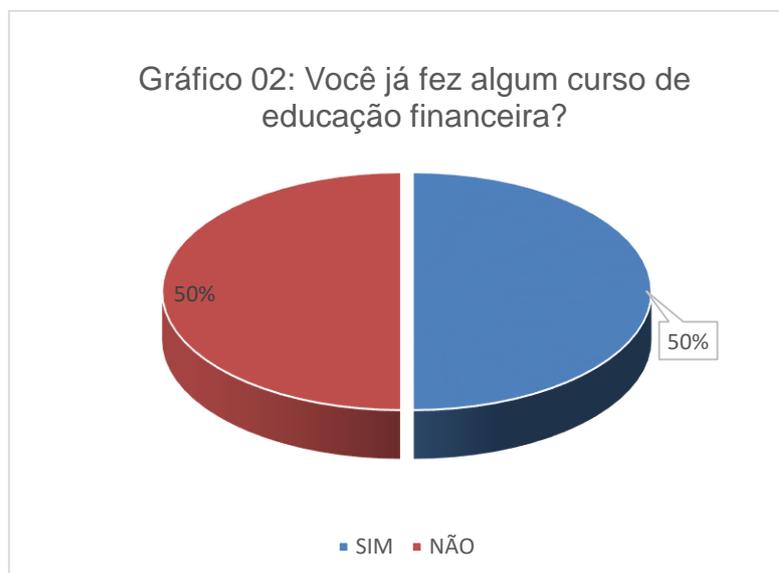
⁴ Uma boa amostragem é aquela que possibilita à pesquisa abranger a totalidade do problema investigado e, nessa totalidade, as múltiplas dimensões que a constituem (MINAYO, 1992).



O universo da pesquisa corresponde ao universo global, isto é, a 100% (cem por cento) dos pastores afirmaram que conhecem o conceito de educação financeira.

Segue-se, portanto, a descrição analítica sobre o conceitual do tema. Foi notado que os líderes possuem um ponto de vista do senso comum em relação ao tema, como por exemplo: educação financeira é vista como apenas economizar e não fazer dívidas, isso de fato faz parte do assunto, mas não corrobora para uma compreensão total e eficaz sobre educação financeira.

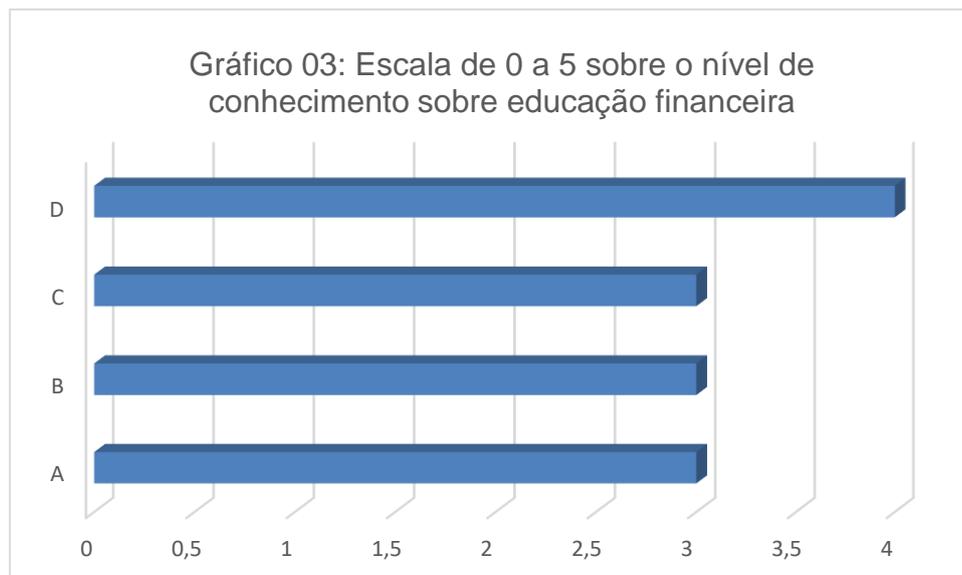
O gráfico abaixo traz o resultado da pergunta que investiga a existência ou não de uma formação da liderança em finanças:



Essa realidade tem um ponto interesse que 50% (cinquenta por cento) concordaram, que de maneira verbal justificaram sua resposta a respeito da formação sobre finanças, segundo boa parte dos líderes, afirmam que esse conhecimento tem sido buscado nos seminários e palestras de líderes evangélicos. Desse modo, a educação financeira que os pastores acreditam ser considerada um curso de capacitação, vem desses canais informais de aprendizagem.

Com relação ao resultado deste gráfico, o ponto de atenção está em que 50% (cinquenta por cento) dos pesquisados sequer evidencia o interesse da liderança em buscar conhecimento do assunto para fomentar na igreja.

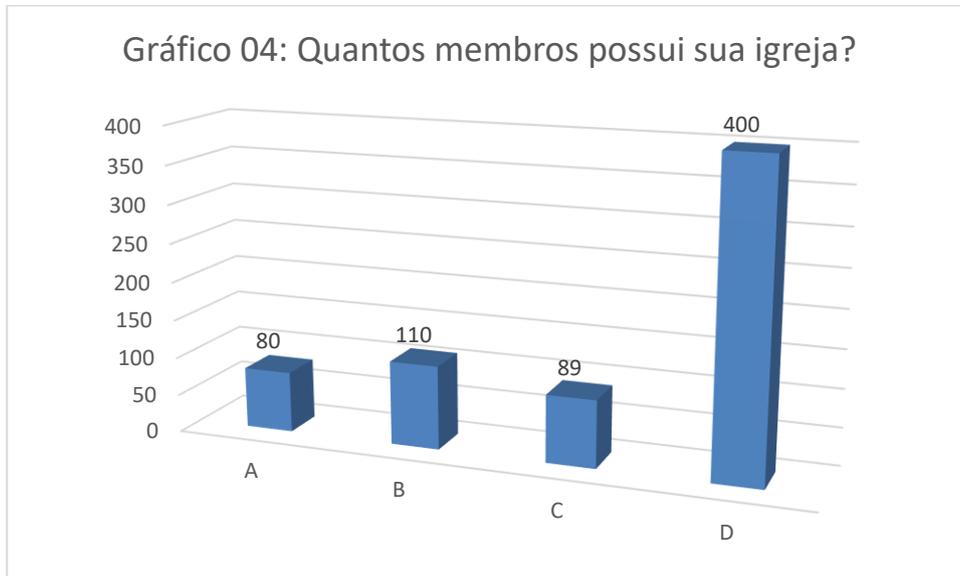
Segue-se um ponto próximo aos anteriores, contudo como sua extensão: a pesquisa pretende saber, dos pesquisadores, sobre seu próprio e objetivo nível de conhecimento:



O Gráfico acima aponta que existe uma média baixa que corresponde a 3 de nível de conhecimento de cada pastor em relação a educação financeira. Pode-se enfatizar que somente o pastor D tem uma média razoável, sendo ele o líder da maior igreja da regional (universo pesquisado) com 400 membros.

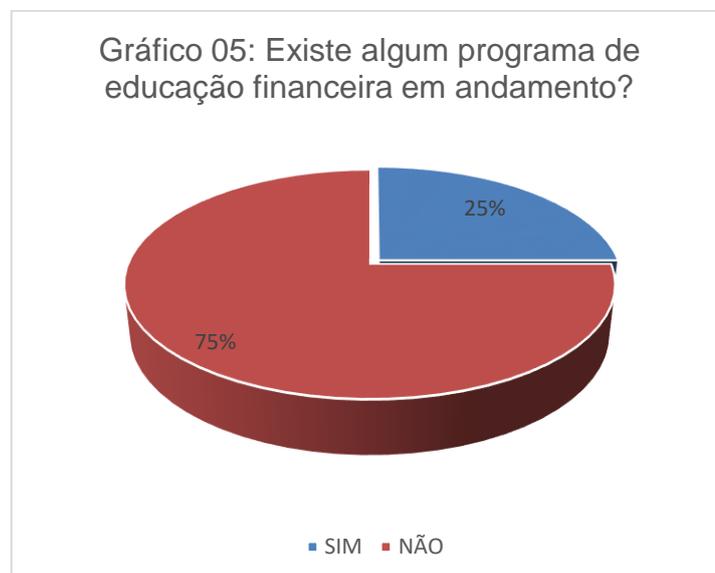
Pode-se concluir, ainda que com certa cautela, pois ainda não há outras pesquisas para a devida comparação, que pastores das congregações menores da Regional X, com média de 80 a 100 membros, costumam ser menos instruídos em relação ao assunto que pastores de igrejas maiores.

Segue abaixo mais um gráfico, desta feita para análise de dados sobre quantidade de membresia:



Foi elaborado uma questão sobre quantidade de membros, com objetivo de ter uma informação sobre o impacto no que diz respeito a quantidade de crentes em cada igreja. Temos uma amostra das principais igrejas congregações do universo analisado e com isso, foi analisado com bastante cautela, sobre o seguinte entendimento: mesmo em igrejas maiores com quantidade acima de 400 membros, foi notado uma ausência de um programa contínuo sobre educação financeira na igreja.

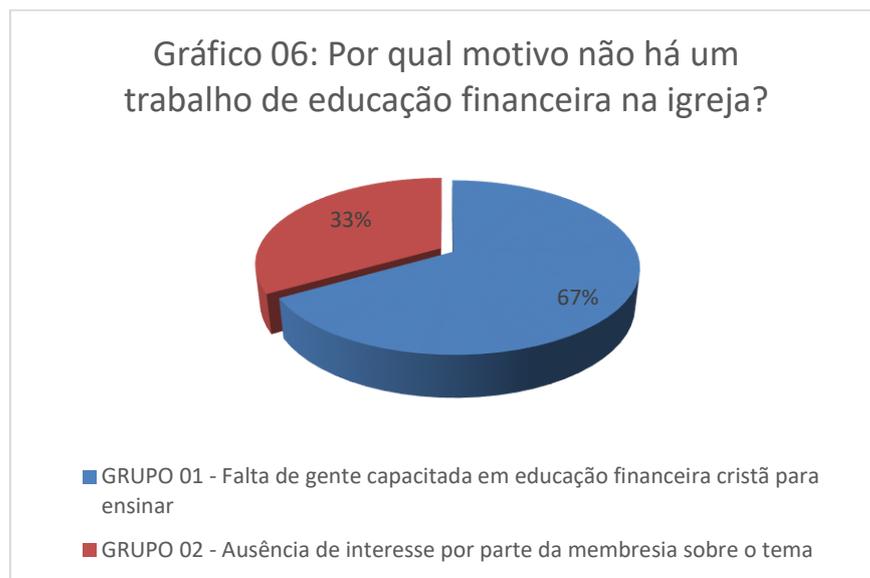
O gráfico abaixo traz o resultado da pesquisa sobre a existência de alguma ação na área de finanças na igreja:



Neste gráfico 1/4 dos respondentes disseram haver algum programa de educação financeira em andamento em sua igreja; os demais 3/4 disseram não haver qualquer programa de educação financeira nessas condições.

Os 3/4 ou 75% (setenta e cinco por cento) dos pastores que informaram não ter um trabalho em andamento na igreja sobre o assunto, corresponde ao mesmo grupo de pastores líderes de igrejas com média de 80 a 100 membros citados anteriormente, ou seja, líderes de igrejas congregações de bairro confira uma maior participação nesse cenário.

Segue a investigação central da pesquisa, que é saber por qual motivo a igreja não tem programa de educação financeira:

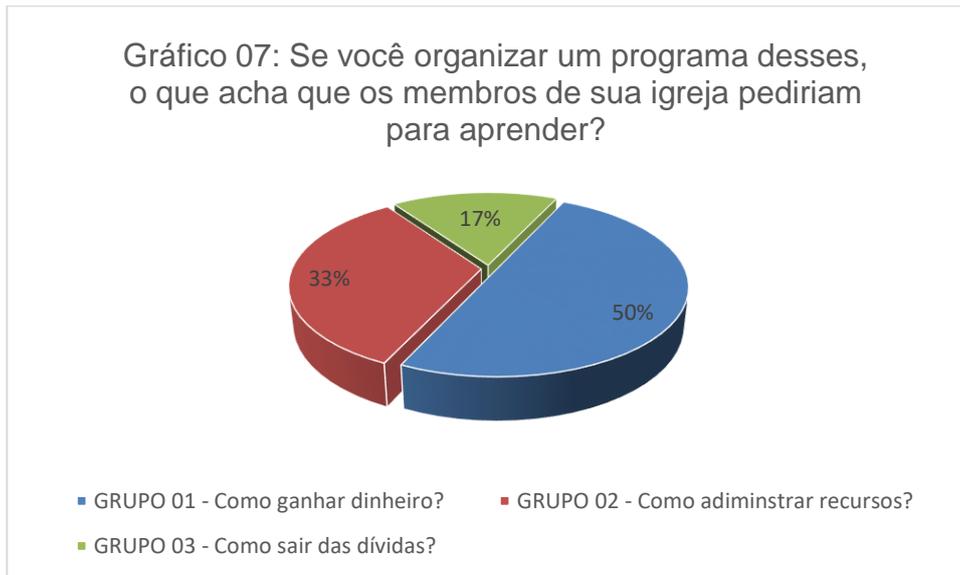


Conforme o cenário revelado neste gráfico, alguns fatores revelam a ou as causa(s) da inexistência de ensino recorrente sobre finanças nas igrejas. Observa-se que 67% (sessenta e sete por cento) dos entrevistados revelam que o maior fator para não existir o ensino sobre finanças é a falta de obreiros capacitados em ensinar o assunto para igreja. Nota-se que o fato de não existir o trabalho na igreja é atribuído aos liderados, e não somente ao pastor da igreja.

Por outro lado, temos um motivo bastante interesse revelado na pesquisa, que é o fato da membresia não ter o interesse em aprender sobre o assunto, e isso

também demonstra o perfil das pessoas que frequentam a igreja local, ou seja, não é algo somente da liderança, mas sim das pessoas que compõem o corpo da igreja no geral.

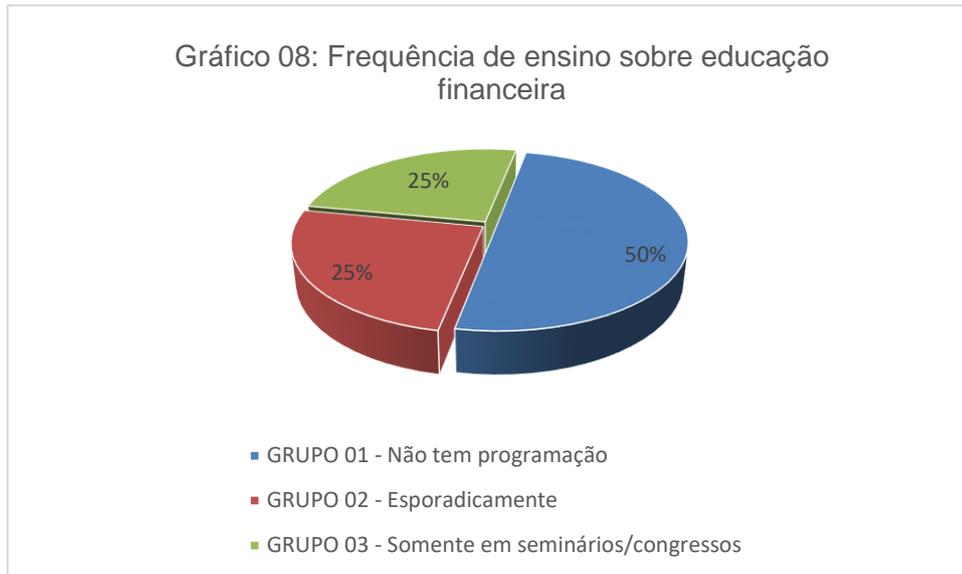
Abaixo a revelação dos assuntos que os pastores acreditam que os membros gostariam de aprender na área de finanças:



Pode-se observar no gráfico que 50% (cinquenta por cento) dos líderes apontam que o tema “como ganhar dinheiro” é o principal assunto que seus membros gostariam de solicitar para aprender. Outro ponto também indicado é o de “como administrar os recursos”, o qual obteve 33% (trinta e três por cento) de possibilidade de serem de interesse dos membros da igreja. Por fim, o tema “como sair das dívidas” apareceu em terceiro lugar na lista de possíveis temas relevantes a serem solicitados pela membresia.

Esses temas estão em acordo com o atual perfil do brasileiro, conforme traçado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Chama a atenção, nesse perfil, o fato de o índice de famílias brasileiras endividadas ter subido para 79,3% (setenta e nove vírgula três por cento) em setembro deste ano (2022).

Segue-se a análise do último gráfico com os dados da pesquisa de campo em torno da frequência do ensino sobre educação financeira nas igrejas em que os pesquisados são líderes:



Metade dos entrevistados (50%) disseram que não há ensino sobre educação financeira na programação de suas igrejas; a outra metade divide-se entre tem, mas esporadicamente (25%) e tem, mas somente em seminários/congressos (25%).

Com base nessas respostas entende-se que as igrejas analisadas não possuem de fato um trabalho com recorrência na área de educação financeira. Grande parte da contribuição sobre o assunto de finanças, vem a partir de seminários e eventos esporádicos que acontecem na igreja matriz ou na sede regional. Portanto, a grande parcela de congregações que são em suma a maioria, não possui efetivamente nenhum programa de ação no sentido de fomentar o ensino de educação financeira cristã.

Essa seção trouxe o perfil representativo da liderança nas igrejas Assembleia de Deus no município de Aparecida de Goiânia. Os resultados obtidos mostraram várias facetas do perfil do pastor assembleiano, como também vários motivos que sustentam a inexistência do ensino sobre educação financeira na igreja assembleia de Deus.

Portanto, de acordo com dados coletados e analisados, pode-se concluir que a amostra estudada é válida para a tese em questão, pois revela detalhes e informações do contexto das igrejas, que são pertinentes ao tema. Isso conduz à necessidade de oferecer um espaço para contribuições de ordem prática.

3.3 IMPLICAÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

A pesquisa teórica, apresentada nos pontos 1 (mordomia) e 2 (educação financeira), e a pesquisa de campo apresentada no ponto 3 (educação financeira nas Assembleias de Deus), com a respectiva análise levam, necessariamente, à oferta de algumas implicações de ordem prática integrando a educação financeira que se propõe às Assembleias de Deus.

3.3.1 Programa contínuo de educação financeira

De acordo com Gary R Collins, (2004, p.634), existe uma necessidade de ter um trabalho focado no ensinamento sobre valores bíblicos relativos a finanças, e isso deve ser feito com frequência através de escola dominical, conversas individuais reuniões com grupos de jovens e seminários. O autor enfatiza ainda que existem pessoas dentro do corpo de cristo que entendem de finanças e que elas podem ser convidadas a dar uma orientação bíblica e prática sobre o tema.

Segue alguns pontos relevantes para uma abordagem no ensino contínuo na igreja:

- Ensinar com base em passagens bíblicas que falam sobre o dinheiro
- Incentivar as pessoas a agradecer a Deus pelo que têm, em vez de reclamar das necessidades
- Alertar os membros sobre o perigo de compras no crédito
- Encorajar as pessoas a viver com padrão de vida compatível com os rendimentos
- Enfatizar a importância de investir

De modo, podemos enfatizar que um programa relativo a finanças ajudará de forma ativa a vida da comunidade cristã, feito de forma organizada como uma ação contínua na igreja.

3.3.1.1 Aconselhamento financeiro

Para Gary R. Collins, no seu livro “Aconselhamento cristão” (2004, p. 620), o aconselhamento financeiro é um dos programas que mais beneficia a membresia de uma igreja, pois atualmente muitas famílias se deparam com diversos problemas relacionados a finanças; por isso, é tão importante ter uma liderança sensível e

capacitada para auxiliá-las com o ensino de uma educação financeira à luz da Bíblia. Há pessoas que entram nas dívidas pela má administração das finanças, e a Bíblia adverte sobre a má administração em Mateus 25:14-30.

Dê orientação prática sobre a administração do dinheiro. Isto inclui ensinar as pessoas a elaborem um orçamento (incluindo dízimos e poupança), incentivá-las a seguir este planejamento e fazer com que compartilhem suas experiências com outros crentes.

De acordo com Collins (2004, p. 634), a Bíblia não condena ter posse de bens e dinheiro, e sim o acúmulo, a cobiça e o mau uso dos recursos. Satanás tem usado as pressões financeiras para escravizar pessoas com ansiedade, preocupações e conseqüentemente o afastamento de Deus e dos princípios divinos. Ajudar as pessoas a se livrarem das dívidas para poderem desfrutar da liberdade financeira pode ser uma experiência de aconselhamento muito relevante para o líder de uma igreja, e é uma forma prática de o conselheiro ajudar os membros de sua congregação a viverem de acordo com os princípios das Escrituras.

Enfim, a prática do aconselhamento levará o líder, pastor da igreja, a conhecer de fato o tema e a conseguir ensinar com propriedade e conseqüentemente levar os membros a um novo patamar de entendimento sobre educação financeira. O planejamento financeiro pessoal aplicado na igreja, servirá como ferramenta de desenvolvimento do perfil do cristão mordomo diligente.

3.3.1.2 Planejamento financeiro pessoal

Para Louis Frankenberg, autor do livro “Seu futuro financeiro: você é o maior responsável” (1999, p. 31), planejamento financeiro pessoal significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família.

Assim, dizemos que o planejamento financeiro vai muito além do que simplesmente saber se o aconselhando tem dinheiro suficiente para pagar suas contas, ou, economizar o suficiente para ter uma conta bancária positiva. Ele permite às pessoas terem uma qualidade de vida e as auxilia a conquistarem a sua independência financeira.

Planejamento financeiro tem uma definição cuja natureza é de ordem prática. Segundo Jurandir Sell Macedo Junior, em “A árvore do dinheiro” (2013, p. 35),

Planejamento financeiro é o processo de gerenciar seu dinheiro com o objetivo de atingir a satisfação pessoal. Permite que você controle sua situação financeira para atender necessidades e alcançar objetivos no decorrer da vida.

Para Victor Leitão (2020), em seu artigo “Como elaborar um planejamento financeiro pessoal incrível em 13 passos simples”, são várias as vantagens e os benefícios do planejamento financeiro pessoal ou familiar.

- Melhores hábitos de consumo e qualidade de vida.
- Controle da vida financeira.
- Proteção da família.
- Acabar com as dívidas.

Portanto, podemos considerar que antes de aprender sobre como poupar e investir, primeiro vem a ação de planejar, como podemos notar no relato bíblico de Lucas que escreve: ‘Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?’ (Lucas 14:28).

3.3.1.3 Investimento financeiro

Gustavo Cerbasi, em “Como organizar sua vida financeira: inteligência financeira pessoal na prática” (2012, p. 131), ensina que investir é multiplicar suas reservas financeiras. O autor também destaca ainda a necessidade de poupar com consciência, reservando o dinheiro para alternativas financeiras que sejam eficientes em vencer a inflação, mesmo que seja apenas no longo prazo.

Dentre as muitas opções de investimentos financeiros disponíveis no mercado financeiro brasileiro, as principais são:

- Imóveis
- Ações;
- FIF’s – Fundos de Investimentos Financeiros;
- Poupança;
- CDB;
- Debêntures;
- Títulos Públicos Federais (LFT, LTN e NTN);
- Letras de Créditos Imobiliários – LCI;
- Certificados de Crédito Imobiliário – CRI;
- Notas Promissórias;

- Fundos DI;
- Tesouro Direto;
- Dentre outros

Por fim, investir faz parte do ensino sobre educação financeira, e por isso, o trabalho dedicado à educação formal é muito necessário para a liderança evangélica assembleiana, pois contribuirá efetivamente para um ensino eficaz através de um programa contínuo inerente aos pontos apontados: aconselhamento, planejamento e investimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É primordial para o cristão compreender o conceito de mordomia cristã em sua plenitude, pois o tempo, bens monetários e o corpo humano pertencem a Deus e com isso, o homem possui o dever de gerir tudo com diligência e sabedoria. Entender que o dinheiro faz parte da vida humana e que ele por si só não é o mal, e por conta disso, deve ser aplicado de forma prática o conhecimento de educação financeira para administrar melhor os recursos.

Com base em dados e análise de campo, foi possível notar a inexistência de ensino sobre o tema educação financeira, dessa maneira é necessário haver uma conscientização da urgência em trabalhar com as famílias e membros o tema educação financeira à luz da Bíblia, pois a má gestão é resultado da falta de instrução a respeito.

Foi possível verificar também que existe uma parcela da membresia que possui pouco interesse no assunto, pois grande parte da população evangélica pentecostal vem de um histórico educacional ruim, e isso afeta diretamente o entendimento das pessoas em relação ao dinheiro. Diante do fato mencionado, cabe ao pastor e demais líderes buscar o conhecimento adequado para aconselhar e ensinar sobre educação financeira, pois isso faz parte da responsabilidade do líder, ensinar como gerir os recursos que Deus colocou nas mãos do homem para gerenciar.

Por fim, a pesquisa aponta que é possível, a partir do meio cristão, contribuir significativamente para a conscientização das pessoas para a importância do ensino sobre educação financeira na igreja. Para isso, é necessário ter convicção que ser todo cristão é ser um mordomo do tempo, do corpo e dos bens, e que isso requer

conhecimento adequado. Enfim, a igreja deve compreender seu lugar de transformação onde o ensino é o maior canal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor. **O começo de todas as coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

ALVES, F. **Qualidade na educação fundamental pública nas capitais brasileiras: tendências, contextos e desafios**. 2007. 243 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. **Descobrendo o Antigo Testamento: uma perspectiva cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BRAND, Raymond H.; SELDON, Joseph K.; MAHAN, David C.; DYKE, Fred Van. **A criação redimida**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

CERBASI, Gustavo. **Como organizar sua vida financeira: inteligência financeira pessoal na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CERBASI, Gustavo. **Investimentos Inteligentes**. 1ª ed. São Paulo, 2013.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ELWELL, Walter. Mordomia. *In*: ELWELL, Walter (Ed.). **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 2.

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF). Conceito de educação financeira no Brasil. ENEF, 2017. Disponível em: <<https://www.vidaedinheiro.gov.br/educacao-financeira-no-brasil/>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

FIGUEIREDO, Onezio. Mordomia. **Igreja Presbiteriana Ebenézer**, São Paulo. [Apostila]. Disponível em: <<http://www.ebenezer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Mordomia.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

FRAME, John. **A doutrina da vida cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. 13. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. *In*: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, José Ozean. **Educação teológica no pentecostalismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GONÇALVES, Cláudio César. **O uso social da riqueza em João Calvino**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006. Disponível em: < <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25686>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GRONINGEN. Gerard Van. **Criação e consumação**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

KASCHEL, Walter. **Lições de mordomia**. Belo Horizonte: Betânia, s/d.

KISTEMAKER, Simon. **1 Coríntios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LEITÃO, Victor. **Como elaborar um planejamento financeiro pessoal incrível em 13 passos**. 2021. Disponível em: <<https://www.idinheiro.com.br/financaspessoais/como-fazer-planejamento-financeiro-pessoal/>> Acesso em: 06 Dez 2022.

LIMA, Elinaldo Renovato. **Tempo, bens e talentos**: sendo mordomo fiel e prudente com as coisas que Deus nos tem dado. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos**. In: Seminário em Administração, 9, 2006, São Paulo. Anais. Disponível em:>http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_seMead/trabalhosPDF/266.pdf< .Acesso em: 06 dez. 2022.

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sell. **A árvore do dinheiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

MENEGHETTI NETO, Alfredo. **Educação Financeira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro; São Paulo: ABRASCO; HUCITEC, 1992.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Disponível em: < <https://www.oecd.org/about/> >. Acesso em: 20 nov. 2022.

PERETTI, Luiz Carlos. **Educação financeira**: aprenda a cuidar do seu dinheiro. 3. ed. Paraná: Impressul, 2008.

REIMER, Haroldo. **Bíblia e ecologia**. São Paulo. Editora Reflexão, 2010.

RODRIGUEZ, Angel Manoel. **As raízes da mordomia cristã**. São Paulo: União Central Brasileira, 2016.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1994.

STOTT, John. **O perfil do pregador**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO APLICADO NAS ENTREVISTAS COM LÍDERES PASTORES

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: (opcional)		
2. Gênero:	3. Idade:	4. Estado civil:
5. Escolaridade:	6. Igreja que pastoreia:	

II. SOBRE SEU CONHECIMENTO DO TEMA

1. Você sabe o que é educação financeira?

() Não

() Sim:

2. Você já fez algum curso de educação financeira?

() Não

() Sim

3. Em uma escala de 0 a 5 classifique seu nível de conhecimento sobre educação financeira, sendo 0 correspondente a sem conhecimento e 5 correspondente ao máximo de conhecimento no assunto:

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5

III. SOBRE A INSTRUÇÃO DE SUA IGREJA ACERCA DO TEMA

1. Quantos membros possui sua igreja? _____

2. Existe algum programa de educação financeira em andamento?

() **Não.** Por que não?

Se você fosse organizar um programa desses, o que acha que os membros de sua igreja pediriam para aprender?

() **Sim.** Com que frequência? _____

Descreva-o:

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO DURANTE A PESQUISA

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa acadêmica. Para isso, informamos que: a) o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo são garantidos; b) não haverá remuneração pois sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária; c) e, finalmente, você pode ter uma cópia deste documento, bastando para isso fazer uma solicitação ao pesquisador.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Para confirmar a veracidade da pesquisa e sua motivação, você poderá fazer contato com a própria orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, profa. Dra. Lázara Divina Coelho, em horário comercial. Para contatar o pesquisador, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento.

Contato da orientadora do TCC: profa.lazara@fasseb.com.br

Pesquisador: Marcos Eduardo Lima Silva

